

Interfaces Críticas da Comunicação: Uma introdução ao estudo da obra de Armand Mattelart

Rodrigo Saturnino*

Índice

Introdução	1
1 Linhas de pensamento	2
2 Guerra, progresso e cultura	3
3 Esperança democrática	6
Referências Bibliográficas	7

Introdução

O estudo político e econômico da comunicação – aproximando-se ao fenômeno das multinacionais – e o determinismo tecnológico constituíam núcleos fundamentais dos estudos realizados pelo sociólogo Armand Mattelart.

Seu percurso acadêmico desenvolveu-se com mais vigor a partir da década de 60 no Chile. A realidade que ali encontrou, confronta-o com problemas sociais ao mesmo tempo que o incentivou a refletir sobre as estratégias de comunicação como ferramentas de divulgação e mobilização social. Em 1973, Mattelart foi extraditado para a França pela ditadura de Pinochet. Neste período seu pensamento foi fortemente influenciado pelas demandas revolucionárias da época (Guerra Fria e a opressão

dos povos latinos americanos pela agressão norte-americana), levando-o a elaborar uma crítica sistemática à escola dos *communication research*.

Durante os anos 80, Mattelart assumiu uma mudança epistemológica, passando a optar por um método histórico de pesquisa teórica. Nesta fase, o sociólogo voltou-se para temas relacionados com as estratégias, as técnicas, os sistemas, as redes, a guerra, a máquina e a economia. Sua intenção era construir elementos teórico-metodológicos que contribuiriam para o aperfeiçoamento do conhecimento científico sobre a história da comunicação social. Esta tarefa visava também o resgate da memória estruturada deste campo da humanidade.

Mattelart reivindicava a importância da reflexão epistemológica frente aos neopositivismos e a sedução tecnológica. Ao propor novas formas de pesquisa no campo da comunicação, procurou estabelecer a sua perspectiva situando as rupturas e as continuidades de um tempo no qual os paradigmas entraram em crise e no qual as relações da classe intelectual sofreram profundas mudanças com a intensa produção cultural de volumes.

O pensamento revolucionário, incentivado pelas experiências na América Latina, neste

*Mestre em Comunicação e Cultura e Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

segundo período, transformou-se em textos mais abrangentes e rigorosos como, por exemplo, nos livros publicados nos anos 90: *A Comunicação-mundo: História das idéias e das estratégias* (1991), *A Invenção da Comunicação, História das Teorias da Comunicação* (1994), *A Mundialização da Comunicação* (1996).

A mudança no pensamento de Mattelart relacionava-se também com o posicionamento teórico influenciado pelas teorias de Gramsci e de Althusser e, obviamente, pelo idealismo marxista que vigorou nas décadas de 60 e 70. Paradigmaticamente, na sua segunda fase, nosso autor deu cabo às suas reflexões a partir de Walter Benjamin, Michel de Certeau, David Morley, Stuart Hall, Umberto Eco, entre outros. Esta alteração tornou-se mais evidente quando Mattelart amplia seu interesse para as culturas populares. Para ele, elas se tornaram o novo alvo do projeto hegemônico da comunicação. É uma mudança que sai do determinismo econômico político e volta-se para os estudos culturais.

O pensamento de Mattelart já na década de 90 era uma contraposição ao otimismo exagerado de autores contemporâneos que procuravam estabelecer teorias acerca do nascimento da “sociedade da informação”, como Nicholas Negroponte, Pierre Lévy, Alvin Toffler, Manuel Castells. Estes teóricos defendiam que o paradigma das redes de comunicação, inevitavelmente, conduziria todos os indivíduos a um processo de progresso contínuo para, finalmente, formar a “aldeia global” profetizada por McLuhan. Para contrapor este otimismo “maravilhado”, Mattelart recuou na história e sinalizou a existência de uma sociedade

regida pela informação anteriormente ao “marco” defendido por estes autores.

Neste período, a articulação do seu pensamento contemplou os fatos históricos para, desta forma, evidenciar que o estabelecimento ideológico da “sociedade da informação”, advinha da sua edificação e naturalização, cuja orientação pertencia aos interesses hegemônicos norte-americanos. Mattelart destacou, por exemplo, que a origem deste discurso fundava-se em sintonia com a estruturação geopolítica, de dimensões ideológicas, que adquiriu *status* no final do século XX quando o planeta experimentou a era dos fins. Segundo Mattelart, tratava-se de um projeto de globalização forte suficiente para destituir antigas utopias, finalizar as ideologias e fazer sucumbir as classes para dar lugar à era da informação mercantilizada. A consequência imediata emergiu através da interconexão social generalizada das economias e da aceleração do processo de “incorporação das sociedades particulares em grupos cada vez maiores” (Mattelart 2000,11).

1 Linhas de pensamento

Podemos dividir o percurso de Mattelart a partir de cinco principais linhas metodológicas (Cf. Maldonado, 1999). A primeira relaciona-se com o período revolucionário onde se destacava a análise da imprensa liberal no Chile mediante aplicações básicas da semiologia-estruturalista francesa. Nesta fase, Mattelart apropriou-se da produção de textos esquemáticos como ponto de partida da reflexão sobre a influência das mensagens ideológicas. A obra *Para ler o Pato Donald: O veneno ideológico de Donald* (1978), escrita em co-autoria com Ariel Dorfman, sintetizou, de forma mecanicista, esta fase:

as personagens de Walter Disney representavam a cultura imperialista dominante.

A segunda linha diz respeito aos estudos político-ideológicos que este autor construiu. Nesta etapa, Mattelart reformulou e criticou o pensamento marxista acerca da comunicação na tentativa de elaborar uma teoria crítica revolucionária da comunicação social nos anos 70. O pensamento produzido neste período, posteriormente, influenciou diversos setores da esquerda latino-americana (Cf. Maldonado, 1999).

A terceira linha metodológica de Mattelart refere-se à economia política dos sistemas e meios de comunicação. O autor produziu conhecimentos acerca da configuração do capitalismo na comunicação social. Neste período, Mattelart procurou estabelecer a história deste campo de estudos através da análise documental de arquivos de empresas transnacionais, do Pentágono e do Governo dos Estados Unidos. Esta fase está representada na obra *Comunicação-mundo: História das Idéias e das Estratégias* (1991) em que Mattelart organizou, rigorosamente, o processo histórico da formação da comunicação.

Como quarta linha de pensamento destaca-se seu período epistemológico. Mattelart estabeleceu elementos teórico-metodológicos a fim de fortalecer uma nova forma de pensar acerca da comunicação, desta vez analisada a partir de uma perspectiva crítica transformadora. O autor demonstrou, por exemplo, na obra *A Invenção da Comunicação* (1996), como o pensamento “esclarecido” do século XVIII colaborou com o desenvolvimento, no século posterior, das utopias da comunicação e da transparência mundial.

Na sua última linha metodológica, o so-

ciólogo realizou uma pesquisa exaustiva acerca das origens das idéias, das estratégias e dos modelos conceituais relacionados ao mundo da comunicação nos últimos dois séculos. Neste aspecto, Armand Mattelart afirmou a relação entre o desenvolvimento das tecnologias a partir dos finais do século XVIII e o surgimento de meios e instrumentos que ampliariam a comunicação humana. Para este autor o pensamento acerca da comunicação entre os homens só foi possível a partir das transformações históricas que a institucionalização do capitalismo ocasionou no mundo.

2 Guerra, progresso e cultura

A perspectiva história da comunicação perpassa toda a produção mattelarniana. Uma das suas principais teorias, a idéia da “comunicação-mundo”, fundamentou-se através da apropriação do conceito de “economia-mundo”, formado no século XVI na Europa Ocidental, e foi descrita a partir de três pilares: guerra, progresso e cultura (Mattelart, 1991).

Numa breve contextualização o autor invocou o Iluminismo e o Liberalismo como as fontes maternas das redes técnicas, “(...) dois projetos de construção de um espaço mundial totalmente fluido, ora opostos, ora convergentes” (Mattelart 2000, 15). Além dos aspectos teóricos, Mattelart resguardou-se em apresentar diversos fatos para construir uma cronologia institucional da comunicação, passando, por exemplo, pelo primeiro sistema de telecomunicações da França, pela história do Telégrafo, dos Correios e do Telefone.

A formação desta rede interconectada ligava-se, historicamente, aos séculos XVII

e XVIII quando se constituía o problema em torno das vias de comunicação e da vinculação dos territórios à formação de um espaço nacional. A liberalização dos fluxos durante o Iluminismo através da instalação de pontes e estradas – ideologicamente baseada na domesticação da “natureza selvagem” que separava os homens e impedia sua mútua compreensão –, marcou o início da invenção das redes de comunicação, “fruto da esperança no futuro” (Mattelart 2000,16; 1996, 10).

A construção das vias, segundo este autor, favoreceu o surgimento da primeira rede técnica. O objetivo era garantir a circulação de pessoas e de mercadorias com vistas à dinamização do mercado. Para além disso, o investimento no sistema de transporte revigoraria o desenvolvimento do setor industrial e o domínio em escalas alargadas. Estamos diante daquilo que Mattelart considerou ser o esboço da sociedade do fluxo, legitimada pelo pensamento racional e as metáforas estabelecidas entre o organismo, a máquina e a sinergia com a lógica acumulativa do capital.

A teoria de Saint-Simon sobre a “Associação Universal sob o ponto de vista da indústria” foi invocada por Mattelart como um dos paradigmas precursores das primeiras noções das redes técnicas. A hipótese saint-simoniana, baseada no positivismo, presumia que o planeta deveria ser explorado apenas por homens associados a uma causa comum a fim de gerar uma robusta sociedade industrial. No modelo pleiteado por Saint-Simon, o Estado-providência não deveria exercer nenhum tipo de tutela. Só assim seria possível a reestruturação total do gerenciamento das coisas e dos indivíduos. A idéia da rede tornou-se a figura simbólica deste processo. Através dela, o projeto do economista

se tornaria exequível e uma nova organização social se ergueria à sua sombra. (Mattelart 2000, 37 -38).

A tese saint-simoniana seria a resposta para a dupla crise do séc. XIX: a primeira, com origem nos resquícios da empreitada revolucionária e falida do Iluminismo ao tentar criar uma nova ordem social; e a segunda, a crise da “Europa desorganizada”, incapacitada de reconstruir a paz internacional. O pressuposto do saint-simonismo, levado a cabo por Michel Chevalier, se restringia à utilização desta rede como ponto de partida para coação de toda complexidade do organismo social. A comunicação em rede era o ponto-chave para dar início, se não à manutenção deste projeto, ao encurtamento das distâncias e a aproximação entre as classes mundiais.

O empirismo desta hipótese deu-se com a criação das primeiras Exposições Universais. Estes encontros colaboraram na formação do imaginário comunicacional onde o saber, o conhecimento mundial e o livre mercado se confraternizavam no mesmo espaço e no mesmo tempo, condensando os pressupostos da modernidade e do progresso supranacional (Mattelart 1996, 32).

Avançando na perspectiva histórica apresentada no livro *Comunicação-mundo: Histórias das Idéias e das Estratégias*, e também na sua *História da Sociedade da Informação*, o autor recupera o princípio da Guerra Total como problemática para desenvolvimento das tecnologias da comunicação e da formação das redes.

Para o autor, os confrontos mundiais fortaleceram a posição dos *media* no mundo enquanto instrumentos ideológicos para dominação hegemônica. Nesta altura, a propaganda adquiriu “seus primeiros galões

como técnicas de gestão da opinião de massa, mas igualmente como meio de pressão sobre os responsáveis de governos estrangeiros”, como no caso da Primeira Guerra Mundial, “na qual a guerra política, a guerra econômica e a guerra ideológica se tornaram (...) decisivas” (Mattelart 1991, 63).

Durante a Guerra Fria a concepção propagandística da comunicação alcançou seu prolongamento ao determinar os modelos de implantação dos sistemas de satélite. Os Estados Unidos e a antiga União Soviética concentraram os projetos políticos na aplicação de recursos financeiros para financiar a indústria de armas nucleares e de novas tecnologias de comunicação.

A incerteza de bombardeios soviéticos, na década de 60, sobre os Estados Unidos, incentivou o Departamento de Guerra norte-americano a subsidiar o desenvolvimento de um sistema de transmissão de dados em tempo real entre os computadores, conhecido como *Arpanet*. O objetivo do sistema era multiplicar a presença dos militares em diversos pontos através de inúmeros computadores conectados por uma única rede e permitir a circulação e o envio de informações instantâneas entre eles. Além da conexão em rede, os militares acreditavam que o sistema era capaz de garantir o envio de mensagens “blindadas” (*tunneling*) através de um novo protocolo de leitura a partir da tecnologia de comunicação de pacotes. Posteriormente ao seu sucesso, o *Arpanet* foi utilizado por instituições governamentais, fornecedores de material bélico e por universidades. Evoluiu para o sistema da Internet na década de 1980, e em meados dos anos 90 foi estendida para o uso civil.

A ênfase na guerra dada por Mattelart está relacionada com o condicionamento que ela criou para o aprimoramento tecnológico das redes técnicas de comunicação e informação. Tais sistemas tecnológicos (como a criação de satélites, computadores e a cibernética) passaram a ter um papel estruturador tanto da organização social como da nova ordem mundial: um ponto de partida para a globalização e o restabelecimento do conceito de rede.

Seguidamente ao período das hostilidades, a comunicação mundial, acreditava Mattelart, configurou-se em um projeto que, hipoteticamente, ostentava fazer da sociedade um agrupamento conectado por interesses e por aparatos tecnológicos a fim de “facilitar” a vida social e o trânsito de mercadorias e ideologias. Por outro lado ela gerou a dinâmica do próprio idealismo da guerra que mata, exclui, segrega e exerce o poder.

Eterna promessa, a rede de comunicações é símbolo de um mundo melhor, porque mais solidário. Da estrada de ferro até as “estradas da informação”, esta crença foi se reavivando no decorrer das gerações tecnológicas. As redes, porém, sempre estiveram no centro da luta pelo domínio do mundo. (Mattelart 2000,1)

Da guerra para uma sociedade em redes de informação. É assim, a grosso modo, o progresso ocasionado pelo advento da comunicação tecnológica, marco estabelecido de uma complexa rede de informação mundial.

A idéia do “progresso para todos” recebeu reforço através do entusiasmo de Harry Truman. O ex-presidente dos EUA, encabeçou

uma incisiva campanha contra o “subdesenvolvimento” e os “desequilíbrios sociais” que ameaçavam aumentar a proliferação do comunismo mundial. Um dos pontos relevantes do seu plano de governo era a formação de uma sólida opinião pública que acreditasse no valor desta empreitada.

Uma das estratégias de persuasão era “fazer evoluir” as populações em estado de “subdesenvolvimento”, ou seja, fazê-las passar de uma cultura e de uma sociedade ditas tradicionais para uma cultura e uma sociedade ditas modernas (Mattelart 2000, 95). A qualificação do nível de modernização em que se encontravam estes grupos era calculada por estatísticas pontuadas através de índices específicos: “taxas de alfabetização, industrialização, urbanização e exposição às mídias” (Mattelart 2000, 96). Os países com baixos índices comprovados deveriam seguir as recomendações da Unesco. Para abolir o subdesenvolvimento, os investimentos públicos deveriam concentrar parte de seus empreendimentos na criação de canais de comunicação com os indivíduos. Em números exatos para cada 100 habitantes: “dez exemplares de jornal, cinco aparelhos de rádio, dois televisores, dois assentos de cinema” (Mattelart 2000, 96).

Os veículos de comunicação moderna, antes utilizados em campos de batalha, mudaram de local mas não de função para quem os detêm. Ressurgiram no período pós-guerra como agentes inovadores do progresso. Juntos, eles espalharam ideologias, modelos de consumo e esperança para as economias “subdesenvolvidas”.

Esta crença cega num progresso exponencial e na capacidade modernizadora das mídias não passa

de simples atualização das velhas concepções etnocêntricas das teorias difusionistas do século XIX. O “primitivo” agora é “subdesenvolvido”, e sua única opção é imitar os modelos dos mais adiantados. (2000, 96).

3 Esperança democrática

Para nosso autor a comunicação é o ponto de partida para o desencadeamento do processo político-econômico estabelecido durante a formação das tecnologias e das redes. A história da comunicação internacional está tecida por laços que se formaram entre o fazer a guerra, a promoção do progresso e a transformação da cultura: um programa de unificação do planeta que trata “a mudança social como um produto derivado da economia generalizada e da *market mentality*, e confia ao monetarismo a incumbência de estruturar a sociedade digital” (Mattelart 2000, 185; 1996, 153).

A proposta de Mattelart é formar uma recepção crítica e organizada contra este tipo de discurso. A alternativa viria à tona através da construção de um poder popular revolucionário e participante no processo político. O receptor é o ponto principal para desencadear este processo. Sua sugestão é revisar as concepções epistemológicas sobre a relação emissor/receptor. Nesta fase, seus apontamentos chamavam a atenção para o processo de cooptação que a cultura popular sofreu em relação, por exemplo, à programação dos conteúdos mediáticos. O autor deixou evidente como as artimanhas da indústria cultural conseguiram embutir a cultura popular no jogo de consumo. Os empresários da comunicação, como exímios

catequizadores, passaram a adicionar matizes populares nas programações apelando para a afetividade das comunidades. Desta forma facilitaram a aproximação entre a cultura popular e os seus produtos.

A lógica do cotidiano proposta por Michel de Certeau tornou-se um dos pontos de partidas em que nosso autor se apoiou para redefinir o papel das culturas populares diante do sistema econômico capitalista e do totalitarismo das redes de comunicação. Apesar de a hegemonia existir, para Mattelart nem tudo era mercado ou lucro. Existiam, nas culturas populares, mecanismos próprios de subversão e exclusão desse sistema considerados como instrumentos destoantes do princípio capitalista, representados por uma “lógica da indisciplina”, por relações sociais solidárias e por uma ética que sobrevive à miséria e à exploração.

Apesar de demonstrar um aparente e repetitivo tom apocalíptico e escatológico na sua história da comunicação internacional, Mattelart deixou escapar sua esperança democrática na força popular. Para o sociólogo, a resistência comunitária seria o caminho a seguir na tarefa de desmascarar a ilusória redenção global proposta através da ideologia das redes e do consumo. Esta condição só viria à tona mediante a busca de uma interdependência que libertasse as “diversas comunidades humanas da obsessão das identidades únicas” e derrubasse “as cercas mentais da intolerância atizada tanto pelos nacionalismos exclusivistas como pelo mundialismo dos triângulos de ouro do livre comércio” (Mattelart 2000, 186; 1996, 153).

Referências Bibliográficas

- MALDONADO, E. (1999). “Teorias Críticas da Comunicação: O Pensamento de Armand”, Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 6, p. 1-23, Julho/Dezembro.
- MATTELART, A. (2009). “A construção social do direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos”, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. VI. 32, n. 1, p. 33-50, jan./jun. São Paulo: Intercom.
- _____. (2007). “Mundialização, cultura e diversidade”, Revista FAMECOS: Mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 31, disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/1126/843>. [consultado a 25 de Fevereiro de 2010].
- _____. (2006). “Armand Mattelart: do Pato Donald ao McDonalds”, Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil, v. 1, n. 17. Págs. 66-73, disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/299/230> [consultado a 25 de Fevereiro de 2010].
- _____. (2002a). “Cultura e Universalismo na era da mercantilização”. Palestra. Fórum Social Mundial, Porto Alegre, disponível em <http://www.uff.br/mestcii/mattelart1.htm> [consultado a 10 de Fevereiro de 2010].
- _____. (2002b). História da sociedade da informação. São Paulo: Loyola.

- _____. (2000). *A globalização da comunicação*. Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC.
- _____; MATTELART, M. (1997). *História das Teorias da Comunicação*. Coleção Campo dos Media. Lisboa: Campo das Letras.
- _____. (1996). *A mundialização da comunicação*. Coleção Economia e Política. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____. (1994). *A Invenção da Comunicação*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____. (1991). *Comunicação-mundo: Histórias das Ideias e das Estratégias*. Lisboa: Instituto Piaget.
- _____; DORFMANN, A. (1978). *Para ler o Pato Donald: O veneno ideológico de Donald*. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- _____. (1971). "El medio de comunicación de masas en la lucha de classes", *Revista Pensamento Crítico*, n. 53, págs 4-44. Cuba: Instituto Cubano del Libro La Habana.
- MULLER, C.; HERZ, D. (1981). "O contexto de Armand Mattelart", *Revista Comunicação e Política*. Volume 1, número 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*, disponível em <http://www.eptic.com.br> Vol.V, n.1, Ene./Abr. 2003 [consultado a 10 de Fevereiro de 2010].